



# Ao redor da distância

XIV JORNADA DE LITERATURA ALEMÃ DA USP  
de 16 a 18 de dezembro 2020

**Programação e Resumos**



**fflch**

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Distância, isolamento, solidão são experiências que assinalam a biografia, a reflexão e os escritos de vários autores e artistas de língua alemã. Lembre-se de Friedrich Hölderlin em sua torre em Tübingen, por exemplo, ou da solidão vivida por tantos escritores exilados, como Paul Celan, na França. Hölderlin e Celan – cujos aniversários completam respectivamente 250 e 100 anos em 2020 – são apenas dois entre os muitos autores que abordam tais temas em sua obra.

Reflexões e imagens da distância (de um lugar, de pessoas, ou de si mesmo), de isolamento (exterior ou interior), de solidão (buscada ou indesejada), estão presentes das mais diversas formas na literatura de língua alemã. Podem estar ligadas à perseguição, ao exílio ou à situação política, ou a doenças e loucura, a questões sociais ou existenciais. Podem ser reais ou imaginadas, idealizadas ou cruéis, angustiantes ou esperançosas.



A **Jornada de Literatura Alemã** deste ano quer se acercar das possíveis e paradoxais experiências de distância, isolamento e solidão configuradas por escritores de língua alemã, a fim de encontrar nos textos literários caminhos para a compreensão de nossas próprias experiências em meio à pandemia.

**Prof. Dr. Juliana P. Perez | Prof. Dr. Magdalena Nowinska**

Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã



## PROGRAMAÇÃO

	17h-18h	18h-19h
<b>16/12</b> <b>QUARTA-FEIRA</b>	<i>Distâncias: não se lembrar - não ser lembrado</i> Werner Heidermann [UFSC]	<i>Flores na borda do campo: a poesia de Ernst Herbeck</i> Cristiane Gonçalves Bachmann [UFPR]
	<i>A solidão multiplicada na obra de Herta Müller</i> Raquel Belisario da Silva [PUCRS]	<i>Formas de isolamento na escrita: por uma biografia dos microgramas de Robert Walser</i> Douglas Pompeu [FU Berlin]
<b>17/12</b> <b>QUINTA-FEIRA</b>	<i>Ostracismo e isolamento no Fausto de Goethe: a Tragédia de Gretchen</i> Irene Bitinas Carvalho [USP]	<i>O amor murado em si: figurações do amor em um soneto de Sibylla Schwarz</i> Matheus Barreto [USP]
	<i>Uma solidão em movimento: o caso de Ida Pfeiffer em sua viagem para o Brasil</i> Gisele Eberspächer [UFPR]	<i>O teor social da solidão na poesia de Mascha Kaléko</i> Daniel Bonomo [UFMG]



## PROGRAMAÇÃO

	17h-18h	18h-19h
<b>18/12</b> <b>SEXTA-FEIRA</b>	<i>“Trauriger Ort meines Aufenthalts...” – insônia e palpitações em um poema de exílio de Paula Ludwig</i>  Mariana Holms [USP]	<i>Sotaque como lembrança na distância</i>  Hugo Simões [UFPR]
	<i>Desterro e identidade no poema Niemand, de Rose Ausländer</i>  Luiz Carlos Abdala Junior [UFPR]	<i>“In die Ferne”, de Paul Celan</i>  Juliana Perez [USP]



## RESUMOS

**QUARTA-FEIRA, 16/12**

**17H-18H**

### *Distâncias: não se lembrar - não ser lembrado*

Werner Heidermann [UFSC]

[heidermann@gmail.com](mailto:heidermann@gmail.com)

A perspectiva da distância na forma do esquecimento patológico gera um enorme medo, tema de um expressivo número de romances, por exemplo de Arno Geiger (*Der alte König in seinem Exil*, 2011) e David Wagner (*Der vergessliche Riese*, 2019). O medo de esquecer (*Angst vor dem Vergessen*) se reflete no medo de ser esquecido (*Angst vor dem Vergessenwerden*), tópico trabalhado pelo medievista Friedrich Ohly em “Bemerkungen eines Philologen zur Memoria” (1982). Esboçamos a crueldade de doenças trabalhadas nos romances (a distância de si mesmo) bem como a profundidade do conceito que consegue superar a dor da distância (física ou temporal).



## RESUMOS

**QUARTA-FEIRA, 16/12**

**17H-18H**

### *A solidão multiplicada na obra de Herta Müller*

Raquel Belisario da Silva [PUCRS]

[raquel.silva79@edu.pucrs.br](mailto:raquel.silva79@edu.pucrs.br)

Na obra ficcional de Herta Müller, as solidões são muitas. Ainda que suas personagens estejam cercadas por olhos alheios, permanecem ensimesmadas ou apartadas de um convívio real. A presença do outro – na mesma casa, no mesmo quarto, em quase todas as atividades do dia – não é garantia para um sentimento de partilha ou de comunhão. Precisar calar os pensamentos cria o hábito de ser só, que serve como forma de proteger-se da intromissão sufocante do regime totalitário. Deslocar-se no espaço – migrar, partir para o exílio – ou isolar-se da convivência na própria terra são apenas formas diferentes de viver a solidão. Três textos selecionados, traduzidos ao português – *Tudo o que tenho levado comigo*, *Fera d'alma* e *O compromisso* –, podem servir de exemplo de como a solidão das personagens aparece nas entrelinhas dessa ficção.



## RESUMOS

**QUARTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

### *Flores na borda do campo: a poesia de Ernst Herbeck*

Cristiane Gonçalves Bachmann [UFPR]

[bach.cris@gmail.com](mailto:bach.cris@gmail.com)

Quando os primeiros poemas do austríaco Ernst Herbeck (1920-1991) vieram a lume, embora tenham causado forte impressão na cena intelectual de língua alemã, seu nome não pôde estar presente na publicação: eles integravam um estudo do psiquiatra Leo Navratil. Diagnosticado como esquizofrênico ao fim da Segunda Guerra Mundial, Herbeck foi desprovido da condição de cidadão e internado numa clínica psiquiátrica. Foi nesse contexto ultraperiférico, durante seus 45 anos de confinamento, que escreveu seus mais de mil poemas e textos curtos em prosa. A potência de seus versos e seu procedimento poético reverberaram, por exemplo, na obra de W. G. Sebald. Nesta comunicação, destaco aspectos de minha pesquisa de mestrado, que envolveu o estudo e a tradução desse poeta que ultrapassou os muros do isolamento pela força da literatura.



## RESUMOS

**QUARTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

### *Formas de isolamento na escrita: por uma biografia dos microgramas de Robert Walser*

Douglas Pompeu [FU Berlin]

[glaspom@me.com](mailto:glaspom@me.com)

A partir de 1924, o escritor Robert Walser havia aparentemente desenvolvido um novo método de escrita. Reconhecido pela sua caligrafia apurada e autor de 14 livros Walser vivia nesta altura em Berna e trabalhava no manuscrito de um novo romance, *Der Räuber*. Composto de 24 folhas escritas à lápis em uma caligrafia microscópica e inicialmente indecifrável, este manuscrito, nunca revisado ou publicado pelo autor, consistia em um de seus 526 microgramas. Depois de seu último livro publicado em 1925, *Die Rose*, e apesar da internação em um hospital psiquiátrico em 1929, Walser seguiu escrevendo em extremo isolamento social até 1933, quando parou de escrever por completo. Como primeira reflexão para um ensaio, o objetivo desta comunicação é apresentar e discutir a gênese, desenvolvimento e decifração dos microgramas, considerados aqui como forma peculiar de isolamento na escrita. Interpretados frequentemente como miniaturização literária e simbólico desaparecimento do autor, os microgramas envolvem uma história de descoberta, conservação, decifração e publicação fac-similar através de um deslumbramento editorial e filológico também marcado pelo isolamento e concentração sobre manuscritos e uma lupa conta-fios.



## RESUMOS

**QUINTA-FEIRA, 17/12**

**17H-18H**

### ***Ostracismo e isolamento no Fausto de Goethe: a Tragédia de Gretchen***

Irene Bitinas Carvalho [USP]

[irene.carvalho@usp.br](mailto:irene.carvalho@usp.br)

A Tragédia de Gretchen, em *Fausto* de Goethe, insere-se no contexto histórico da Igreja, que tratava as mulheres de forma desumana à época. As palavras de Mefisto (“Não é ela [Gretchen] a primeira”) revelam o ostracismo social e religioso, parte da injustiça sofrida pelas mulheres do século XVIII. Isso ocorre por conta, dentre outros motivos (como a perseguição às bruxas, tema também tratado em *Fausto* e relacionado à Gretchen), de filhos ilegítimos e que as levavam muitas vezes em desespero a cometer infanticídio. A própria personagem de Goethe é inspirada na história de Susanna Margaretha Brandt, julgada e executada por infanticídio em Frankfurt em 1772. Ainda que Gretchen seja central na literatura alemã e retomada por vários autores, inclusive por Paul Celan em sua *Fuga da Morte*, no drama de Goethe o isolamento da personagem e seu abandono por Fausto levam-na, ojerizada e marginalizada pela sociedade, à loucura.



## RESUMOS

**QUINTA-FEIRA, 17/12**

**17H-18H**

### ***Uma solidão em movimento: o caso de Ida Pfeiffer em sua viagem para o Brasil***

Gisele Eberspächer [UFPR]

[gisele.eberspacher@gmail.com](mailto:gisele.eberspacher@gmail.com)

Será que uma pessoa pode estar sozinha entre outras? Este trabalho explora a obra da viajante austríaca Ida Pfeiffer, com foco em seu relato de viagem ao Brasil em 1846 (composta pelos primeiros capítulos do livro *A jornada de uma mulher pelo mundo*). Apesar de estar sempre com pessoas, no navio ou nas cidades, ela está também isolada: não é só uma das raras mulheres viajantes, como também encara a experiência de viajar sozinha: sem criados, sem acompanhantes. Aqui a solidão não se dá apenas por uma questão física (de se estar sozinho em um ambiente), mas também pela sua condição rara enquanto viajante mulher. O objetivo deste trabalho é apresentar um levantamento de trechos de *A jornada...* em que Pfeiffer comenta sua condição e refletir como a solidão se configura em movimento e em lugares distantes, de navios a aldeias indígenas, da Europa aos cantos mais afastados do mundo.



## RESUMOS

**QUINTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

### *O amor murado em si: figurações do amor em um soneto de Sibylla Schwarz*

Matheus Barreto [USP]

[matheusgumenin@hotmail.com](mailto:matheusgumenin@hotmail.com)

A poeta barroca Sibylla Schwarz produziu, até sua morte trágica aos 17 anos, obra poética de rara envergadura: não só o volume de sua produção em tão poucos anos causa espanto, mas também e principalmente o virtuosismo com o qual a autora lida com certa tradição poética e seus recursos métrico-retóricos. Apesar da atenção que mereceu da crítica quando da publicação póstuma em 1650, sua poesia caiu aos poucos em relativo esquecimento, até ser finalmente recuperada a um público maior por Gisela Brinker-Gabler em 1978.

Pretendo apresentar uma tradução do soneto “[Die Lieb ist blind/ und gleichwohl kan sie sehen]”, apontando nele as figurações do amor que, por sua cegueira (imagem principal do poema), está isolado em si. Amor que não vê o que não seja amor, preso naquilo que é – amor que, enfim, „ist wohl zu Fuß/ und kan dennoch nicht gehen“, docemente murado em si.



## RESUMOS

**QUINTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

### *O teor social da solidão na poesia de Mascha Kaléko*

Daniel Bonomo [UFMG]

[drbonomo@gmail.com](mailto:drbonomo@gmail.com)

Proponho investigar os sentidos do isolamento presentes na lírica urbana de Mascha Kaléko, poeta de língua alemã nascida em 1907 no Império Austro-Húngaro, na região da Galícia, atual Polônia. A abordagem pressupõe a atualidade da leitura e o potencial crítico dos poemas reunidos em *Das lyrische Stenogrammheft*, título de 1933, amplamente marcado pela experiência da metrópole, entre vida pública e privada, em Berlim, na República de Weimar. No contexto presente da crise sanitária provocada pela Covid-19, face às dificuldades de quarentena manifestadas aqui e ali, mudam os significados da vida solitária na cidade, assim como muitas das formas de solidão vigentes, em particular as individualistas, demandam medidas de enfrentamento e soluções. A minha leitura de Mascha Kaléko, autora pouco conhecida dos leitores brasileiros, conjuga, atendendo à chamada desta Jornada de Literatura Alemã, uma tentativa de responder a essas dificuldades com a descoberta pessoal de uma poesia relevante, bem-construída e graciosa.



## RESUMOS

**SEXTA-FEIRA, 18/12**

**17H-18H**

*“Trauriger Ort meines Aufenthalts...” – insônia e palpitações em um poema de exílio de Paula Ludwig*

Mariana Holms [USP]

[mariana.holms@usp.br](mailto:mariana.holms@usp.br)

Paula Ludwig (1900-1974) foi uma poeta e artista plástica austríaca que viveu 13 anos exilada no Brasil entre 1940 e 1953. Seus poemas da época, publicados postumamente na coletânea *Gedichte* (LUDWIG, 1986), exprimem o sentimento de solidão, de deslocamento cultural, a impossibilidade de comunicação, a ausência de entes queridos e o impacto da Segunda Grande Guerra. Minha proposta de comunicação consiste em apresentar brevemente a poeta e suas condições da fuga da Europa para o Brasil e analisar o poema “Trübe”, composto provavelmente depois do fim da guerra. Neste texto, são representados a inquietude subjetiva, o silêncio do trauma e a hesitação diante do futuro difuso e sem perspectiva de restauração.



## RESUMOS

**SEXTA-FEIRA, 18/12**

**17H-18H**

### *Desterro e identidade no poema Niemand, de Rose Ausländer*

Luiz Carlos Abdala Junior [UFPR]

[luizabdalajr@gmail.com](mailto:luizabdalajr@gmail.com)

Rose Ausländer (1901-1988) nasceu no Império Austro-Húngaro, exilou-se nos EUA e faleceu na Alemanha, em uma trajetória marcada por deslocamentos, fluxos e dissoluções. É entre estes movimentos que a autora compõe a maior parte de seus poemas, os quais frequentemente tematizam e encenam questões relativas a perdas e transformações. Nesta comunicação pretendo abordar criticamente o poema "Niemand" (AUSLÄNDER, 2012, p. 171), analisando como nele são suscitadas questões de exílio e desterro, ao passo que o eu-poético tem sua identidade desestabilizada, para, em seguida, reafirmar o seu não-pertencimento como possível categoria positiva. Além disso, enquanto o poema aponta para o contexto histórico do pós-Segunda Guerra, também relaciona-se com a tradição, na medida em que faz emergir a figura de Ulisses, personagem paradigmática do deslocamento e do exílio no imaginário literário ocidental. Ademais, será apresentada uma tradução do poema, resultado parcial do mestrado em andamento.



## RESUMOS

**SEXTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

### *Sotaque como lembrança na distância*

Hugo Simões [UFPR]

[hsimoes.90@gmail.com](mailto:hsimoes.90@gmail.com)

Por meio de análise e tradução do poema *Die Schleuse*, de Paul Celan, discute-se a existência e possível significância de sotaque em sua obra, dando especial atenção a manifestações desse fenômeno em sua escrita. O sotaque seria um modo de expressão corporal, ligado a entorno e memória. No caso de um poeta tradutor que viveu refúgios e deslocamentos no imediato da Shoah, é uma forma de se guardar raízes de um lugar outro, de quase impossível retorno, não fosse a palavra. O debate proposto é resultado parcial de minha atual pesquisa de doutoramento.



## RESUMOS

**SEXTA-FEIRA, 16/12**

**18H-19H**

*“In die Ferne”, de Paul Celan*

Juliana Perez [USP]

[julianaperez@usp.br](mailto:julianaperez@usp.br)

A tensão entre proximidade e distância está presente em muitos livros de Paulo Celan (1920-1970), e faz parte de sua concepção de poesia, notadamente em *Sprachgitter*, por exemplo, publicado em 1959. Os espaços esboçados nesse livro remetem a locais concretos, à memória da Shoah, e também à possibilidade de diálogo. Trata-se de espaços a serem rememorados ou criados pela própria escrita da poesia como contraponto a um limite de toda a experiência humana. Nesse sentido será analisado o poema “In die Ferne”, que foi escrito em 1957 e integra o quarto ciclo de *Sprachgitter*.



## **Organização**

Prof. Dr. Juliana P. Perez (DLM)  
Prof. Dr. Magdalena Nowinska (DLM)

Danielle Rodrigues Amaro  
Maria Clara Elias Zanzoti de Sousa  
Victoria Cardoso Aldama Paris

## **Realização**

Programa de Pós-Graduação em  
Língua e Literatura Alemã da USP

## **Agradecimentos**

DAAD e Instituto Goethe - São Paulo

## **Contato**

[jornadalitalema@gmail.com](mailto:jornadalitalema@gmail.com)